

ABANDONO NO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO ENTRE 2019 E 2021



ficha técnica

<p>Coordenação Política Cristiane Ribeiro José Antônio Moroni Nathalie Beghini <i>Colegiado de Gestão do Inesc</i></p> <p>Redação Cleo Manhas</p>	<p>Revisão técnica Inesc</p> <p>Revisão ortográfica Paulo Henrique de Castro</p> <p>Diagramação e projeto gráfico Raones Ramos</p>
<p>Inesc – Instituto de Estudos Socioeconômicos Endereço: SCS Quadra 01 - Bloco L, nº 17, 13º Andar Cobertura – Edifício Márcia. CEP: 70. 307-900 - Brasília/DF Telefone: + 55 61 3212-0200 E-mail: inesc@inesc.org.br Página Eletrônica: www.inesc.org.br</p>	

É permitida a reprodução total ou parcial do texto, de forma gratuita, desde que citada a fonte.

ABANDONO NO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO ENTRE 2019 E 2021

A desigualdade que afeta
especialmente adolescentes
negros e negras e pobres



REDE DE
ATIVISTAS PELA
EDUCAÇÃO
BRASIL

MALALA⋮
FUND

EQUIPE INESC

Conselho Diretor

Aline Maia Nascimento
Júlia Alves Marinho Rodrigues
Márcia Anita Sprandel
Pedro de Carvalho Pontual
Roseli Faria

Conselho Fiscal

Augustino Veit (suplente)
Enid Rocha
Mario Lisbôa Theodoro
Ribamar Araújo

Colegiado de Gestão

Cristiane da Silva Ribeiro
José Antonio Moroni
Nathalie Beghin

Gerente Financeiro, Administrativo e de Pessoal

Ana Paula Felipe

Assistente da Direção

Marcela Coelho M. Esteves
Thayza Benetti

Equipe de Comunicação

Gabriela Alves
Mara Karina Sousa-Silva
Sílvia Alvarez
Thays Ferrari Puzzi

Assessoria Política

Alessandra Cardoso
Carmela Zigoni
Cássio Cardoso Carvalho
Cleo Manhas
Gabriela Nepomuceno
Leila Saraiva

Livi Gerbase
Tatiana Oliveira
Thallita de Oliveira

Assessoria Técnica

Dyarley Viana de Oliveira

Educador Social

Markão Aborígine
Sofia Ashley

PMAA – Planejamento, Monitoramento, Avaliação, Aprendizagem

Adriana Silva Alves

Assistente de Contabilidade

Josemar Vieira dos Santos

Assistente Financeiro

Ricardo Santana da Silva

Técnico de Informática

Cristóvão Frinhani

Auxiliares Administrativos

Adalberto Vieira dos Santos
Eugênia Christina Alves Ferreira
Isabela Mara dos Santos da Silva

Auxiliar de Serviços Gerais

Roni Ferreira Chagas

Estagiários/as

Juami Aquino
Yan Nogueira da Silva

APOIO INSTITUCIONAL

Charles Stewart Mott Foundation
CLUA – Climate and Land Use Alliance
ETF - Energy Transition Fund
Fastenaktion
Fundação Ford
Fundação Heinrich Böll
Fundar

ICS – Instituto Clima e Sociedade
KNH – Kindernothilfe
Malala Fund
Misereor
OSF – Open Society Foundations
Oxfam Brasil
PPM – Pão para o Mundo
Rainforest Foundation Norway



SUMÁRIO

- 06** **Introdução**
- 10** **Resultados para o abandono escolar no Brasil**
- 16** **Detalhamento por região**
- 29** **Considerações e análises mais gerais**
- 33** **Referências**





1. INTRODUÇÃO

Um dos mais perversos efeitos das desigualdades, especialmente de raça e etnia, é a desistência ou a expulsão de crianças e adolescentes da escola antes da conclusão da educação básica, efeito que ficou mais explícito na pandemia de Covid-19. Todavia, ainda não temos os dados disponibilizados que corroborem as pesquisas de opinião, realizadas nos últimos dois anos, sobre as sequelas daquele momento.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), em 2022, censurou diversas informações, o que interrompeu uma série histórica e dificultou o acesso não só aos dados do ano anterior, como também de outros anos, impedindo análises e pesquisas. Dados tais como o número de professores por sala, a raça ou a cor de professores, dentre outros, que costumavam ser divulgados nas publicações dos dados do Enem 2020 e do Censo Escolar

da Educação Básica 2021, conforme foi denunciado pelas organizações que compõem a Rede da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, **em posicionamento público**.

O governo, à época, alegou que a medida se devia à Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). No entanto, a própria LGPD orienta, em seu artigo 7º, incisos II e III, que a administração pública pode realizar o tratamento de dados pessoais necessários ao cumprimento de obrigação legal e/ou à execução de políticas públicas, sem que para isso seja necessário o prévio consentimento da/o titular de tais dados.

Então, após quatro anos de descaso com dados que deveriam ser públicos, percebemos que o órgão ainda não conseguiu atualizar as séries históricas, especialmente com relação à evasão (o último ano com dados é 2019) e ao quesito de raça/cor. Dados que – além de não estarem disponíveis – não nos foram disponibilizados mesmo com um pedido de informações direcionado ao órgão. Diante da formalização de uma solicitação de dados não disponibilizados no sistema, a resposta que obtivemos foi a seguinte:

O Inep está trabalhando para a divulgação de indicadores em novas desagregações (sexo e cor/raça) e deve lançar em breve um painel de BI no qual essas informações estarão acessíveis. Considerando que os dados não estão prontamente disponíveis para o período solicitado nem mesmo nas agregações mais gerais, sugerimos a abertura de uma nova demanda com mudança no escopo da solicitação [INEP, resposta à solicitação de dados não disponibilizados no sistema, mensagem on-line, 2023].

A princípio, trabalharíamos com os dados de evasão, mas como só temos informações de 2019, estamos apresentando os dados de abandono escolar entre 2019 e 2021, período que estava disponível no momento da elaboração deste estudo. Há uma diferença conceitual entre *evasão* e *abandono*, ao menos no Brasil, pois há países da América do Sul, como o Paraguai e o Uruguai, que tratam os dois fenômenos como “deserción”.

Para nós, a *evasão* é considerada quando o estudante, que não concluiu a educação básica, não se matricula no ano seguinte em alguma unidade escolar, o que se diferencia do conceito de *abandono escolar*, que diz respeito à infrequência ainda no período letivo. O *abandono* só se caracteriza como *evasão* quando o estudante não retorna à escola no ano seguinte.



Por que a não disponibilização de dados de raça/cor se caracteriza como parte do racismo estrutural que (des)organiza a sociedade e o Estado?

Sabemos que as desigualdades raciais estruturam nossa sociedade desde o processo de colonização. Como descreveu o advogado e filósofo Silvio Almeida,

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção (ALMEIDA, 2019, p. 33).

Então, o fato de não estarem acessíveis justamente os dados de raça/cor inscreve-se dentro desta lógica perversa à qual estamos submetidos, em que o

racismo opera em todos os níveis, até mesmo na produção de dados para a sua constatação.

No entanto, por outros caminhos, conseguimos detectá-lo, quando percebemos, por exemplo, que, em todos os estados, cerca de 80% dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) são pretos e pardos, o que constitui um indicativo incontestável de que aqueles e aquelas que estão em distorção idade-série ou que abandonaram os estudos em algum momento são pessoas negras.

Sobre a distorção idade-série, trata-se de um fato grave, especialmente para as escolas públicas, que – além de atenderem a maior parte de crianças e adolescentes em idade escolar (visto que as escolas privadas respondem por menos de 10% dos estudantes atendidos) – acolhem, ainda, em sua maioria, crianças e adolescentes negros e negras em suas salas de aula em todas as etapas da educação básica. Tal realidade, devido ao racismo estrutural, não se reflete nos bancos das universidades, ainda.

Em alguns estados, como a Bahia, por exemplo, mais de 50% de estudantes do ensino médio estão em distorção idade-série. No terceiro ano, nas escolas públicas, com análise por sexo, 60% dos meninos estão em defasagem. Ou seja, a maioria desses e dessas estudantes é constituída por pretos e pardos. Não há como o referido fato não estar relacionado ao racismo estrutural, mesmo em um estado de maioria negra, mas de coronelismo branco.

Sobre o que trataremos?

Esta nota técnica faz uma apresentação detalhada sobre o abandono no ensino médio brasileiro nos anos de 2019, 2020 e 2021, uma vez que os dados de 2022 ainda não estão disponíveis. Os dados do Censo Escolar foram obtidos via Lei de Acesso à Informação (LAI). Após tratamento, foram apresentados, considerando: (I) a participação de cada estado ou região no total do Brasil; (II) a participação de cada estado no total da sua região geográfica por sexo; e (III) o crescimento anual do número de abandono por estado e por sexo.

A primeira seção apresenta um panorama sobre a situação de abandono no ensino médio no Brasil como um todo. Nas seções seguintes, são explorados casos específicos de cada região do País.



2. RESULTADOS PARA O ABANDONO ESCOLAR NO BRASIL

No Brasil, o abandono escolar subiu de 341.211 estudantes em 2019 para 377.526 em 2021, o que representa um aumento de aproximadamente 10,6%. É importante notar que, em 2020, houve uma queda significativa na detecção de abandono e possível evasão futura (-51%), devido às interrupções causadas pela pandemia de Covid-19 nas atividades escolares presenciais. Então, como todas as escolas passaram a oferecer educação remota, é possível que parte do abandono não tenha sido detectada em 2020, até pela precariedade da oferta, especialmente nas áreas rurais, ribeirinhas e periféricas, já se manifestando como evasão, o que verificaremos quando o Inep divulgar esses dados. Contudo, o percentual de 10,6% constitui um aumento importante e digno de nota.

Tabela 1. Variação percentual de abandono escolar no ensino médio, por região, em 2019/2020 e 2020/2021

Região	Abandono			Crescimento	
	2019	2020	2021	Var. em 2019 e 2020	Var. em 2020 e 2021
Brasil	341.211	165.644	377.526	-51%	128%
Norte	68.373	8.735	82.653	-87%	846%
Nordeste	105.496	42.739	135.909	-59%	218%
Sudeste	97.893	65.287	89.809	-33%	38%
Sul	42.228	42.312	55.492	0,2%	31%
Centro-Oeste	27.221	6.571	13.663	-76%	108%

Fonte: Censo Escolar 2019, 2020 e 2021 (elaboração do Inesc).

2.1 Regiões

Ao analisarmos o crescimento do abandono escolar por região (tabela 1), identificamos que o Nordeste apresentou, em termos absolutos, maior incidência no ensino médio em todos os anos verificados, sendo que, em 2021, registrou 135.909 casos, o que constitui uma variação de mais de 218% em relação a 2020. A Região Norte, por sua vez, em termos relativos, teve a maior incidência de abandono, passando de 8.735 em 2020 para 82.653 em 2021, ou seja, um aumento de mais de 846%.

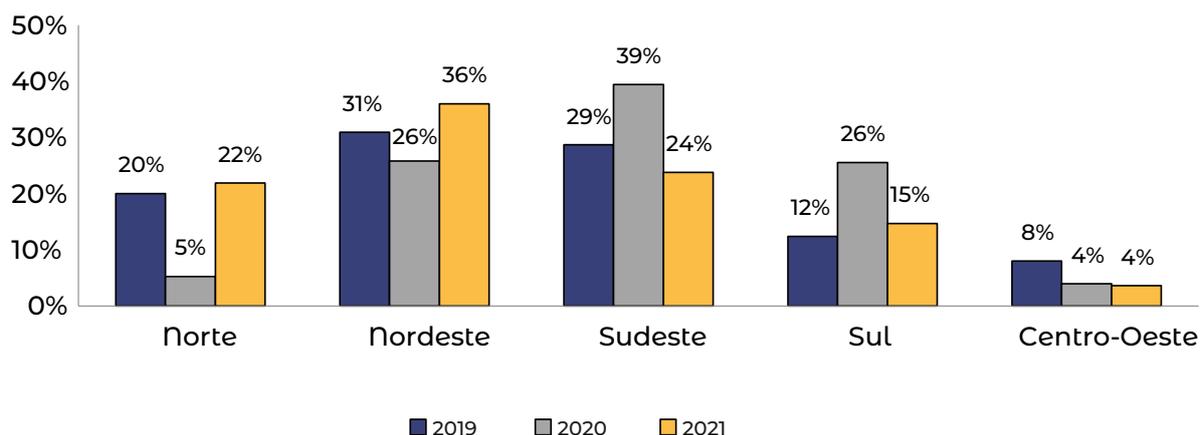
Como dissemos anteriormente, isso pode ser resultado de represamento no ano anterior, o que provavelmente provocou uma alta significativa em 2021, o que não reduz a gravidade da situação. Além do fato de que podemos inferir que a falta de conectividade e dificuldades de acesso na região ou questões que os poderes públicos poderiam resolver agravaram a situação.

No Sudeste, o número de estudantes em situação de abandono escolar em 2021 foi de 89.809, o que representa um aumento de aproximadamente 38% em relação a 2020. O Sul também teve um aumento, passando de 42.312 em

2020 para 55.492 em 2021. Já na Região Centro-Oeste, o abandono escolar em 2021 foi de 13.663, o que corresponde a um aumento de aproximadamente 108% em relação a 2020.

Ressaltamos que o Sul foi a única região que teve crescimento de abandono no ano de 2020, o que representa 0,2% em relação ao número de abandonos em 2019 (42.228). Não sabemos o que motivou tal discrepância, até porque, em [pesquisa realizada pelo Inesc](#), em 2021, com estudantes de ensino médio, os alunos do Sul eram mais otimistas em relação às condições de oferta de ensino à distância.

Gráfico 1. Participação das regiões no número de abandono escolar no ensino médio



Fonte: Censo Escolar 2019, 2020 e 2021 (elaboração do Inesc).

Analisando anualmente a participação de cada região nos resultados de abandono escolar do Brasil (gráfico 1), identificamos que, em 2019, a Região Nordeste teve a maior incidência, o que representa 31% do total do País, seguida pela Região Sudeste (com 29%), pela Região Norte (20%), pela Região Sul (12%) e pela Região Centro-Oeste (8%).

Em 2020, houve mudanças na participação de algumas regiões. O abandono reduziu-se na Região Nordeste (26%), que caiu uma posição, ficando como a segunda com maior participação no número de abandonos, enquanto a Região Sudeste assumiu a primeira posição (39%). A Região Sul também teve um aumento substancial e sua participação representou 26%, a mesma do Nordeste, mas em movimento contrário, ou seja, o Nordeste com redução e o

Sul com aumento, enquanto na Região Norte diminuiu para apenas 5%. Por sua vez, a participação da Região Centro-Oeste ficou em 4%.

Já em 2021 (gráfico 1), ocorreram novas mudanças na participação das regiões, em decorrência do crescimento no número de abandonos, como apresentado anteriormente (tabela 1). A Região Nordeste voltou a ter um aumento significativo, representando 36% do total do Brasil. A Região Sudeste teve uma diminuição na sua participação para 24%, assim como a Região Sul, que também teve reduzida a sua participação para 15%. A Região Norte voltou a apresentar um maior número de adolescentes ausentes dos bancos escolares, representando 22%, enquanto a Região Centro-Oeste manteve sua participação em 4%.

Em resumo, como já destacado até aqui, os resultados para o ano de 2020, quando comparados com 2019, foram de queda no número de abandono escolar em todo o País. A única exceção foi a Região Sul, que contou com aumento em 0,2% em 2020. Além disso, destacamos que, nos últimos dois anos de análise, houve um aumento considerável em todas as regiões, especialmente no Norte e no Nordeste, que tiveram taxas de crescimento acima da média nacional. Uma questão que precisa ser analisada pelo Ministério da Educação é se o abandono foi maior nos locais onde, durante a pandemia, não se havia adequado acesso à internet e equipamentos necessários para o acompanhamento das aulas, pois a ausência de condições mínimas pode ter levado adolescentes a desistir da escola.

2.2 Estados

Analisando-se a participação de cada estado na incidência de abandono escolar anualmente, pode ser identificado que, em 2019, os estados com maior incidência de abandono escolar foram Bahia (11%), Minas Gerais (10%) e Pará (10%). Por outro lado, os que tiveram menor número foram Roraima (0,5%), Espírito Santo (0,6%) e Tocantins (0,7%).

Em 2020, Minas Gerais permaneceu como um dos estados com maior número de abandonos, com 32%, seguido de Rio Grande do Sul (12%) e Maranhão (9%). Os melhores resultados se concentraram nos estados de Roraima (0,1%), Amazonas (0,2%) e Alagoas (0,3%).

Já em 2021, os piores resultados foram dos estados da Bahia (17%), do Pará (16%) e de São Paulo (14%), enquanto os melhores aconteceram em Roraima (0,3%), Distrito Federal (0,3%) e Mato Grosso do Sul (0,4%).

Os estados da Bahia e Pará, que aparecem como aqueles com piores resultados nos dois anos (2020 e 2021), também são aqueles com as maiores taxas de estudantes em distorção idade-série, o que nos dá um caminho para o entendimento do que provoca a futura evasão ou a saída da escola, especialmente para adolescentes pretos e pardos.

Na tabela 2, são apresentadas as informações sobre a variação no número de abandono escolar nos estados brasileiros em 2019, 2020 e 2021. Os dados apontam para um movimento de redução da incidência entre 2019 e 2020 em pelo menos 21 estados e para um aumento significativo entre 2020 e 2021 também em 21 estados. Ressalta-se que Ceará, Goiás e Piauí tiveram reduções consecutivas no abandono nos três anos de análise.

Tabela 2. Dados de abandono escolar por estado nos anos de 2019, 2020 e 2021

Unidades da Federação	2019	2020	2021	UF	2019-2020	2020-2021
Acre	2.272	1.249	2.407	AC	-45%	93%
Alagoas	6.747	527	8.923	AL	-92%	1593%
Amapá	3.068	720	2.509	AP	-77%	248%
Amazonas	20.375	335	11.215	AM	-98%	3248%
Bahia	37.659	3.922	65.374	BA	-90%	1567%
Ceará	12.455	10.029	6.836	CE	-19%	-32%
Distrito Federal	3.846	658	1.178	DF	-83%	79%
Espírito Santo	2.145	2.573	2.751	ES	20%	7%

Unidades da Federação	2019	2020	2021	UF	2019-2020	2020-2021
Goiás	4.456	4.195	2.904	GO	-6%	-31%
Maranhão	12.918	14.776	17.430	MA	14%	18%
Mato Grosso	13.051	947	8.155	MT	-93%	761%
Mato Grosso do Sul	5.868	771	1.426	MS	-87%	85%
Minas Gerais	33.698	53.432	23.363	MG	59%	-56%
Pará	35.184	2.175	59.831	PA	-94%	2651%
Paraíba	8.172	3.292	4.709	PB	-60%	43%
Paraná	12.196	12.947	4.042	PR	6%	-69%
Pernambuco	4.649	1.299	4.799	PE	-72%	269%
Piauí	8.919	6.566	5.840	PI	-26%	-11%
Rio de Janeiro	31.738	2.924	10.542	RJ	-91%	261%
Rio Grande do Norte	9.287	766	19.430	RN	-92%	2437%
Rio Grande do Sul	17.764	20.326	32.023	RS	14%	58%
Rondônia	3.314	1.425	3.274	RO	-57%	130%
Roraima	1.611	178	1.246	RR	-89%	600%
Santa Catarina	12.268	9.039	19.427	SC	-26%	115%
São Paulo	30.312	6.358	53.153	SP	-79%	736%
Sergipe	4.690	1.562	2.568	SE	-67%	64%
Tocantins	2.549	2.653	2.171	TO	4%	-18%

Fonte: Censo Escolar (elaboração do Inesc).



3. DETALHAMENTO POR REGIÃO

3.1 Região Norte

A tabela 3 apresenta a variação percentual de abandono no ensino médio por sexo (feminino e masculino) nas Unidades da Federação da Região Norte do Brasil, nos períodos de 2019-2020 e 2020-2021.

Para o sexo feminino, observamos que, em 2019-2020, houve uma redução significativa do abandono em todos os estados da região, com exceção de Tocantins, com 4% de crescimento; no entanto, no período seguinte, o mesmo estado teve redução, ao contrário dos demais. Aqueles com as maiores quedas foram Amazonas, Pará e Roraima, com reduções de 98%, 94% e 92%, respectivamente. Já em 2020-2021, a maioria dos estados da Região Norte apresentou aumento no percentual em relação ao ano anterior. As maiores incidências foram observadas no Amazonas e no Pará, com variações de 3.328% e 2.623%, respectivamente.

Tabela 3. Variação percentual no número de abandono escolar no ensino médio, por sexo, entre 2019 e 2021

Unidades da Federação	Feminino		Masculino	
	2019-2020	2020-2021	2019-2020	2020-2021
Norte	-89%	969%	-85%	764%
Acre	-52%	95%	-40%	91%
Amapá	-80%	271%	-72%	231%
Amazonas	-98%	3328%	-98%	3176%
Pará	-94%	2623%	-94%	2675%
Rondônia	-61%	118%	-54%	137%
Roraima	-92%	708%	-86%	545%
Tocantins	-19%	-7%	22%	-24%

Fonte: Censo Escolar 2019, 2020 e 2021 (elaboração do Inesc).

Para o sexo masculino, os resultados na Região Norte seguem a mesma tendência de queda no percentual de abandono escolar em 2019-2020 e aumento significativo em 2020-2021. No entanto, os valores para o sexo masculino são menores (764%) do que os valores para o sexo feminino (969%), o que demonstra o que já havíamos percebido em pesquisa realizada em 2021, em parceria com Instituto Vox Populi, ou seja, que especialmente durante a pandemia a vida escolar das meninas foi mais prejudicada pelo excesso de obrigações domésticas e de trabalho fora de casa, além das precárias condições de saúde mental a que muitas estavam submetidas.

Novamente, Amazonas e Pará apresentam a maior incidência de abandono no ensino médio para ambos os sexos, com uma variação de -98% e -94% em 2019-2020, para 3176% e 2675% em 2020-2021. Outros estados, como Amapá e Roraima, também apresentaram aumentos expressivos nos anos analisados.

Na tabela 4, encontramos o percentual de participação dos estados, por sexo, em relação ao total de abandonos da região. Com os resultados, notamos que houve uma mudança significativa nos anos analisados. O estado que

apresentou a maior variação percentual foi o Pará, que saltou de 51% em 2019 para 73% em 2021 no sexo feminino e de 52% para 72% no sexo masculino, mantendo o posto do estado com maior participação percentual na região.

Tabela 4. Participação percentual dos estados em relação ao total de abandono escolar na Região Norte, por sexo, entre 2019 e 2021

Unidades da Federação	Feminino			Masculino		
	2019	2020	2021	2019	2020	2021
Acre	3%	14%	3%	4%	14%	3%
Amapá	5%	9%	3%	4%	8%	3%
Amazonas	31%	5%	15%	29%	3%	13%
Pará	51%	29%	73%	52%	22%	72%
Rondônia	4%	16%	3%	5%	17%	5%
Roraima	2%	2%	1%	2%	2%	2%
Tocantins	3%	26%	2%	4%	33%	3%
Total região Norte	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Censo Escolar 2019, 2020 e 2021 (elaboração do Inesc).

Em síntese, as mudanças na participação percentual de cada estado na Região Norte de 2019 para 2021 refletem as variações nas taxas de abandono em cada estado. Observamos que antes da pandemia o abandono se concentrou nos estados do Pará e do Amazonas. Em 2020, período em que todos estavam reclusos em casa, observamos um aumento nesse número nos estados do Acre, Rondônia e Tocantins.

Entretanto, observa-se que, em 2021, todos os estados apresentaram uma redução significativa para ambos os sexos, à exceção do estado do Pará, que contou com um aumento da sua participação em relação à região, bem como o Amazonas. Além disso, fica evidente que, no ano de 2021, a concentração dos abandonos, para ambos os estados (Pará e Amazonas), é maior para o sexo feminino do que para o sexo masculino.

3.2 Região Nordeste

A tabela 5 apresenta a variação percentual de abandono no ensino médio para os sexos feminino e masculino nas Unidades da Federação da Região Nordeste do Brasil nos períodos de 2019-2020 e 2020-2021.

Para o sexo feminino, no período de 2019-2020, é possível observar que houve uma queda significativa no abandono escolar em todos os estados, exceto no Maranhão, que contou com leve aumento de 0,1%. A maior queda foi registrada no estado de Alagoas, que teve uma redução de 93%. Em seguida, Rio Grande do Norte e Bahia tiveram reduções de 92% e 90%, respectivamente.

Já em relação ao período de 2020 e 2021, a situação se inverteu. A maioria dos estados registrou um aumento no percentual de abandono escolar em relação ao ano anterior. As maiores variações foram observadas nos estados de Alagoas e Rio Grande do Norte, com aumentos de 1778% e 2367%, respectivamente. Apenas dois estados apresentaram queda no mesmo período: Ceará e Piauí. É importante entender o que aconteceu nesses estados para que conseguissem evitar o abandono.

Tabela 5. Variação percentual no número de abandono escolar no ensino médio, por sexo, entre 2019 e 2021

Unidades da Federação	Feminino		Masculino	
	2019-2020	2020-2021	2019-2020	2020-2021
Nordeste	-65%	254%	-54%	194%
Alagoas	-93%	1778%	-91%	1468%
Bahia	-90%	1508%	-89%	1620%
Ceará	-34%	-26%	-8%	-35%
Maranhão	0,1%	28%	27%	11%
Paraíba	-64%	42%	-56%	44%

Unidades da Federação	Feminino		Masculino	
	2019-2020	2020-2021	2019-2020	2020-2021
Pernambuco	-75%	289%	-69%	256%
Piauí	-41%	-4%	-13%	-16%
Rio Grande do Norte	-92%	2367%	-92%	2498%
Sergipe	-68%	63%	-66%	65%

Fonte: Censo Escolar 2019, 2020 e 2021 (elaboração do Inesc).

Assim como aconteceu com o sexo feminino, com o sexo masculino observamos que, em 2019-2020, houve uma redução significativa no abandono escolar em todos os estados da Região Nordeste. Os estados com as maiores quedas foram Rio Grande do Norte e Alagoas, com reduções de 92% e 91%, respectivamente. O Maranhão foi o único estado onde não houve queda, mas aumento de 27%.

Já em 2020-2021, o movimento foi contrário: a maioria dos estados da região apresentou aumento no percentual de abandono escolar em relação ao ano anterior. O maior número de incidências foi observado na Bahia e no Rio Grande do Norte, com variações de 1620% e 2498%, respectivamente. Assim como foi observado para o sexo feminino, apenas dois estados apresentaram queda no mesmo período: Ceará e Piauí.

De um modo geral, observamos que os estados de Alagoas, Maranhão e Pernambuco tiveram maior crescimento no número de abandono escolar entre meninas do que entre meninos, o que corrobora as análises que demonstram que há uma carga maior de trabalho e de responsabilidades para as meninas. A Região Nordeste teve um quadro de abandono muito maior entre as meninas do que entre os meninos.

Na tabela 6, é apresentada a participação de cada estado no total de abandono escolar na Região Nordeste. Em relação ao sexo feminino, alguns estados apresentaram mudanças significativas na participação ao longo dos anos. Por exemplo, na Bahia, houve um aumento de 37% em 2019 para 49% em 2021. No Maranhão, passou de 12% em 2019 para 36% em 2020 e voltou a 13% em 2021. Já no Rio Grande do Norte, houve um aumento de 2% em 2020 para 15% em 2021.

Tabela 6. Participação percentual dos estados em relação ao total de abandono escolar da Região Nordeste, por sexo, entre 2019 e 2021

Unidades da Federação	Feminino			Masculino		
	2019	2020	2021	2019	2020	2021
Alagoas	7%	1%	7%	6%	1%	7%
Bahia	37%	11%	49%	35%	8%	47%
Ceará	11%	21%	4%	13%	25%	6%
Maranhão	12%	36%	13%	12%	34%	13%
Paraíba	8%	8%	3%	8%	7%	4%
Pernambuco	4%	3%	3%	4%	3%	4%
Piauí	9%	14%	4%	8%	16%	5%
Rio Grande do Norte	9%	2%	15%	9%	2%	14%
Sergipe	4%	4%	2%	5%	3%	2%
Total região Nordeste	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Censo Escolar 2019, 2020 e 2021 (elaboração do Inesc).

Quando analisamos os dados do sexo masculino, observamos que alguns estados apresentaram padrões semelhantes aos do sexo feminino, com participações expressivas na soma, ao longo dos anos. Por exemplo: na Bahia, o percentual de abandono escolar para o sexo masculino cresceu de 35% em 2019 para 47% em 2021. No Maranhão, houve uma redução de 34% em 2020 para 13% em 2021.

Em geral, observamos que, antes da pandemia, os estados da Bahia, do Maranhão e do Ceará concentravam a maior parte de abandono escolar para ambos os sexos. Entretanto, a mesma configuração muda no ano de 2021, saindo o Ceará e entrando o Rio Grande do Norte, compondo em 2021 os estados que mais concentraram o número de incidências, sendo que a Bahia sozinha representou quase 50% para o sexo feminino.

Se juntarmos a alta incidência de distorção idade-série com abandono escolar, especialmente de meninas, no estado da Bahia, que é um dos estados mais negros do Brasil, mesmo que ainda não tenhamos disponíveis os dados de raça/cor, é possível inferir que são as meninas pretas as que mais abandonam ou são expulsas das escolas.

3.3 Região Sudeste

A tabela 7 apresenta a variação percentual de abandono escolar no ensino médio para o sexo feminino e masculino nas Unidades da Federação da Região Sudeste do Brasil nos períodos de 2019-2020 e 2020-2021.

Para o sexo feminino, os resultados mostram uma variação bastante heterogênea entre os estados. O Espírito Santo apresentou crescimento no abandono tanto em 2019-2020 quanto em 2020-2021, representando 3% e 20% respectivamente. Minas Gerais, por sua vez, apresentou um aumento no número de meninas em situação de abandono escolar de 43% no período 2019-2020 e uma redução de 52% em 2020-2021.

O Rio de Janeiro foi o estado que teve maior redução do abandono escolar em 2019-2020 (90%), seguida por um aumento expressivo de 228% em 2020-2021.

São Paulo, por sua vez, apresenta uma queda acentuada de 80% em 2019-2020, seguida por um aumento expressivo de 694% em 2020-2021. Tais resultados, juntamente com os resultados do Rio de Janeiro, sugerem uma tendência de aumento no percentual do abandono escolar no ensino médio para o sexo feminino na Região Sudeste.

Tabela 7. Variação percentual no número de abandono escolar no ensino médio, por sexo, entre 2019 e 2021

Unidades da Federação	Feminino		Masculino	
	2019-2020	2020-2021	2019-2020	2020-2021
Sudeste	-42%	44%	-27%	34%
Espírito Santo	3%	20%	34%	-1%
Minas Gerais	43%	-52%	69%	-59%
Rio de Janeiro	-90%	228%	-91%	291%
São Paulo	-80%	694%	-78%	763%

Fonte: Censo Escolar 2019, 2020 e 2021 (elaboração do Inesc).

Para o sexo masculino, a Região Sudeste apresentou uma queda de 27% na incidência entre 2019 e 2020, além de uma elevação de 34% entre 2020 e 2021. Analisando os estados individualmente, podemos observar que o Espírito Santo teve um aumento de 34% em 2019-2020 e uma redução de 1% em 2020-2021. Minas Gerais apresentou um aumento de 69% em 2019-2020, seguido de uma redução de 59% em 2020-2021. O Rio de Janeiro teve uma queda de 91% em 2019-2020, seguida de uma elevação de 291% em 2020-2021. Já São Paulo apresentou uma redução de 78% em 2019-2020 e uma elevação de 763% em 2020-2021.

Comparando a incidência em ambos os sexos, no último período de análise, observamos que apenas no Espírito Santo o abandono escolar para o sexo feminino cresceu de forma superior em relação ao sexo masculino. Já em Minas Gerais, a queda do abandono foi maior para o sexo masculino do que para o sexo feminino. Nos demais estados, o crescimento dos índices de abandono escolar do sexo masculino foi superior ao do sexo feminino.

A tabela 8 apresenta a participação percentual anual do abandono escolar no ensino médio, por sexo, de cada estado da Região Sudeste. Observamos que, em 2019, a maior parcela de abandono escolar concentrou-se em Minas Gerais (33% no feminino e 36% no masculino) e no Rio de Janeiro (34% no feminino e 31% no masculino).

Em 2020, a participação aumentou consideravelmente em Minas Gerais tanto para o sexo feminino (80%) quanto para o masculino (83%), enquanto em outros estados os percentuais diminuíram ou permaneceram estáveis. Já em 2021, São Paulo foi o estado que teve a maior participação no número de abandono escolar tanto para o sexo feminino (57%) quanto para o masculino (61%). O Rio de Janeiro também teve aumento no período, com uma diferença de sete pontos percentuais, considerando-se os dois sexos, enquanto em outros estados os percentuais diminuíram ou permaneceram estáveis.

Tabela 8. Participação percentual dos estados em relação ao total de abandono escolar na Região Sudeste, por sexo, entre 2019 e 2021

Unidades da Federação	Feminino			Masculino		
	2019	2020	2021	2019	2020	2021
Espírito Santo	2%	4%	3%	2%	4%	3%
Minas Gerais	33%	80%	27%	36%	83%	26%
Rio de Janeiro	34%	6%	13%	31%	4%	11%
São Paulo	31%	10%	57%	31%	9%	61%
Total região Sudeste	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Censo Escolar 2019, 2020 e 2021 (elaboração do Inesc).

3.4 Região Sul

A tabela 9 apresenta a variação percentual do abandono escolar no ensino médio para o sexo feminino e masculino nas Unidades da Federação da Região Sul do Brasil nos períodos de 2019-2020 e 2020-2021.

Podemos observar que houve um aumento no abandono nos anos 2020-2021 em comparação com 2019-2020 para o sexo feminino em todas as Unidades da Federação da Região Sul. No Paraná, o abandono escolar teve duas reduções consecutivas: de 16% em 2019-2020 e 59% em 2020-2021, tendência pouco observada em outras regiões do País para o período 2020-2021. Já no

Rio Grande do Sul, houve um pequeno aumento de 7% em 2019-2020; porém, em 2020-2021, o abandono escolar aumentou significativamente em 68%, o que representa uma situação preocupante, como o ocorrido em vários outros estados da Federação.

Por sua vez, Santa Catarina foi o estado que teve a maior queda em um período e, no período posterior, maior número de abandono escolar: houve redução de 26% em 2019-2020; porém, no ano seguinte, ocorreu um aumento de 120%, o que representa uma piora muito grande na situação, mesmo considerando-se o represamento de informações.

Tabela 9. Variação percentual no número de abandono escolar no ensino médio, por sexo, entre 2019 e 2021

Unidades da Federação	Feminino		Masculino	
	2019-2020	2020-2021	2019-2020	2020-2021
Sul	-9%	47%	8%	20%
Paraná	-16%	-59%	23%	-74%
Rio Grande do Sul	7%	68%	21%	50%
Santa Catarina	-26%	120%	-27%	111%

Fonte: Censo Escolar 2019, 2020 e 2021 (elaboração do Inesc).

Na análise dos resultados para o sexo masculino na Região Sul, é possível notar que o Estado do Paraná apresentou um aumento de 23% no abandono escolar em 2019-2020, mas uma redução significativa de 74% no período de 2020-2021. No Rio Grande do Sul, observamos um aumento de 21% em 2019-2020, assim como um incremento de 50% em 2020-2021, o que mostra que a situação na região piorou no último biênio. Por fim, Santa Catarina apresentou uma redução de 27% em 2019-2020, mas um aumento de 111% em 2020-2021, o que indica um agravamento preocupante da situação na região.

Comparando-se ambos os sexos, observa-se que, no ano de 2021, o crescimento do abandono escolar foi maior entre as meninas do que entre os meninos. Mesmo quando houve redução, como foi o caso do Paraná, as meninas estavam em desvantagem.

Analisando a participação percentual de cada estado no total da Região Sul (tabela 10), notamos que o Rio Grande do Sul é o estado que concentra a maior parcela de abandono escolar para ambos os sexos. Além disso, é possível observar que tal participação foi aumentando ao longo dos anos, saindo de 43% em 2019 para 58% em 2021 no sexo feminino e de 41% para 58% no sexo masculino. Enquanto, em 2019, o Paraná estava em segundo lugar no ranking, em 2021, Santa Catarina tomou o posto, com participação de 35%.

Tabela 10. Participação percentual dos estados em relação ao total de abandono escolar na Região Sul, por sexo, entre 2019 e 2021

Unidades da Federação	Feminino			Masculino		
	2019	2020	2021	2019	2020	2021
Paraná	28%	26%	7%	29%	26%	7%
Rio Grande do Sul	43%	51%	58%	41%	51%	58%
Santa Catarina	29%	23%	35%	29%	23%	35%
Total região Sul	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Censo Escolar 2019, 2020 e 2021 (elaboração do Inesc).

3.5 Região Centro-Oeste

A tabela 11 apresenta a variação percentual do abandono escolar no ensino médio para os sexos feminino e masculino nas Unidades da Federação da Região Centro-Oeste do Brasil nos períodos de 2019-2020 e 2020-2021.

Analisando os resultados para o sexo feminino, percebemos uma variação significativa entre os anos de 2019-2020 e 2020-2021. Enquanto houve uma redução de 79% no número de abandono escolar para o sexo feminino em 2019-2020, houve um aumento de 121% no período seguinte, incremento que foi puxado principalmente pelo Mato Grosso, que teve uma redução de 93% no ano anterior, mas apresentou um crescimento expressivo de 786% no ano seguinte.

No período de 2019-2020, todos os estados tiveram queda de abandono escolar, sendo os mais expressivos os estados de Mato Grosso (-93%) e Mato Grosso do Sul (-88%). Por outro lado, no período seguinte, ambos tiveram crescimento de 786% e 70%, respectivamente.

O Distrito Federal, por sua vez, apresentou uma redução significativa no período de 2019-2020 (-86%), mas teve um aumento de 77% no ano seguinte. Já Goiás teve uma redução de 20% no número de abandono escolar em 2019-2020 e uma redução um pouco maior (22%) no ano seguinte.

Tabela 11. Variação percentual no número de abandono escolar no ensino médio, por sexo, na Região Centro-Oeste, entre 2019 e 2021

Unidades da Federação	Feminino		Masculino	
	2019-2020	2020-2021	2019-2020	2020-2021
Centro-Oeste	-79%	121%	-74%	100%
Distrito Federal	-86%	77%	-81%	80%
Goiás	-20%	-22%	4%	-36%
Mato Grosso	-93%	786%	-92%	745%
Mato Grosso do Sul	-88%	70%	-86%	96%

Fonte: Censo Escolar 2019, 2020 e 2021 (elaboração do Inesc).

Para o sexo masculino, observamos uma queda significativa no abandono escolar em 2019-2020, além de um aumento em 2020-2021. O Mato Grosso foi o estado com a maior redução em 2019-2020 (-92%) e o que mais contou com aumento no número de abandono escolar em 2020-2021 (745%). O Distrito Federal e o Mato Grosso do Sul também apresentaram aumento em 2020-2021 em comparação com 2019-2020, com variações de -74% para 100% e -86% para 96%, respectivamente. Em Goiás, na contramão dos outros estados, houve um pequeno aumento (4%) do abandono em 2020-2021 e uma queda de 36% no período seguinte.

Comparando-se os resultados para ambos os sexos, identifica-se que apenas Mato Grosso apresentou um resultado pior para o sexo feminino. Mas,

ainda assim, tal resultado, juntamente com os de outros estados, foi significativo para que a Região Centro-Oeste, como um todo, concentrasse maior variação de aumento do abandono escolar para o sexo feminino do que para o masculino.

Quando analisamos a participação percentual de cada estado no total da região (tabela 12), podemos observar que Mato Grosso é o estado que concentra uma parte significativa do número de abandono escolar em ambos os sexos. Entre 2019 e 2021, houve um aumento na participação desse estado tanto para o sexo feminino quanto para o masculino, passando de 46% para 60% no feminino e de 49% para 60% no masculino. Esse resultado só é diferente para o ano de 2020, quando Goiás assume o posto de estado que mais teve abandono escolar para ambos os sexos.

Tabela 12. Participação percentual dos estados em relação ao total de abandono escolar da Região Centro-Oeste, por sexo, entre 2019 e 2021

Unidades da Federação	Feminino			Masculino		
	2019	2020	2021	2019	2020	2021
Distrito Federal	15%	10%	8%	13%	10%	9%
Goiás	16%	62%	22%	16%	65%	21%
Mato Grosso	46%	15%	60%	49%	14%	60%
Mato Grosso do Sul	23%	13%	10%	21%	11%	11%
Total Região Centro-Oeste	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Censo Escolar 2019, 2020 e 2021 (elaboração do Inesc).

CONSIDERAÇÕES E ANÁLISES MAIS GERAIS

Os dados trazidos pelo Censo Escolar e trabalhados pelo Inesc demonstram o tamanho do impacto da pandemia na vida de meninas, meninos e meninos em idade escolar. É nítido como o período dificultou a permanência de estudantes nas escolas, mesmo que de forma virtual (o que, na verdade, exclui uma gama de adolescentes que não tinham acesso a equipamentos eletrônicos ou mesmo à *internet*, conforme [pesquisa](#) que realizamos em 2021).

Além disso, 2021 é o último ano de análise desta nota técnica, pelo fato de que ainda não temos dados mais atuais disponibilizados (ou seja, de 2022). O que tais dados demonstram é que houve um aumento significativo do abandono escolar em 21 Unidades Federativas. Destas, 18 apresentaram queda no abandono no ano de 2020. Ou seja, a necessidade de isolamento por conta da pandemia e a má gestão governamental em todos os níveis para lidar com tal realidade foram centrais para colaborar com o aumento do abandono escolar em 2021.



Entre os estados que são exceções à regra citada está o Tocantins, que – além de ter apresentado redução de 19% no abandono de meninas em 2020 – continuou apresentando redução (7%) em 2021, mesmo em meio ao período pandêmico. Já no que diz respeito aos meninos, o fenômeno foi totalmente na contramão da maioria dos estados, pois houve aumento do número de abandono em 2020 e, em 2021, redução.

Uma das hipóteses para esse dado destoante diz respeito às medidas tomadas pelo estado do Tocantins: além de ter se adiantado em aprovar diversas ações de enfrentamento às consequências da pandemia, unindo o Poder Executivo e o Judiciário nas

articulações, como avaliam Leite *et al.* (2021)¹, também aprovou, ainda em 2020, via **Portaria nº 1439, da Secretaria de Estado da Educação, Juventudes e Esportes, o Programa Evasão Escolar Nota Zero (Peenz)**, que tem como objetivo atuar com brevidade quando o estudante começa a faltar às aulas. É necessária uma avaliação da execução do programa para entender se ele teve algum impacto já no ano de 2021, mas, de fato, Tocantins era o primeiro estado com o maior número de evasões de meninos de toda a Região Norte em 2020 (33%) e o segundo em evasões de meninas (26%). Em 2021, os percentuais caíram para 3% e 2%, respectivamente.

Outros estados que merecem atenção por se diferenciar da regra são o Ceará e o Piauí, pois ambos tiveram diminuição no abandono escolar em todos os anos analisados e para as duas categorias de gênero possíveis de análise: feminino e masculino. Por sua vez, Goiás e Paraná mostraram redução no abandono nos dois períodos das estudantes categorizadas no sexo feminino, com aumento em relação ao sexo masculino em 4% e 26%, respectivamente, em 2020, mas voltando a ter redução no número em 2021. São casos que, aprofundados, podem contribuir para práticas e políticas de outros estados em relação à prevenção e ao enfrentamento do abandono escolar.

Já o estado do Rio Grande do Sul foi o único que teve aumento do abandono escolar em todos os períodos para ambos os sexos; portanto, a atenção para a referida Unidade da Federação deve ser ainda maior, em uma perspectiva de proposição de estratégias para a não permanência do citado indicador.

Esta nota técnica mostra a necessidade de estudos de casos de estados específicos, pois cada região tem uma realidade diferente e, portanto, pede estratégias diferenciadas. No entanto, é importante que o Governo Federal atente para o fenômeno, que podemos nomear como uma violência contra milhares de adolescentes no País (e seriam milhões, se incluíssemos crianças, com maior incidência, entre meninos negros e LGBTQIAPN+, pois sabemos, por inferência, que o racismo e a LGBTfobia nos negam dados oficiais).

É necessária e urgente uma proposta do Governo Federal, juntamente com recursos, para contribuir com os estados e municípios no enfrentamento

1 LEITE, S. F.; JUNIOR, F. T.; GLÓRIA, C. C. Pandemia e a educação no estado do Tocantins: elementos para avaliar o contexto. **Revista Exitus**, Santarém/PA, vol. 11, p. 1-25, e020192, 2021. Disponível em: <<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1706/1053>>.

dessa problemática, que tem consequências geracionais negativas para as vidas das pessoas.

Trata-se de uma dura realidade, que precisa ser cuidada com prioridade, pois se mantém não só por questões relacionadas à política de educação, mas por todo um projeto político voltado para a população infantoadolescente, principalmente as periféricas, negras, indígenas, do campo e LGBTQIAPN+. O abandono escolar é reflexo não apenas da relação do estudante com a escola, mas da sua relação com outras políticas públicas, com sua família e com a comunidade.

A maioria dos adolescentes em situação de trabalho infantil é composta por meninos negros. A pesquisa quantitativa intitulada “Educação Brasileira em 2022: A voz de adolescentes”, realizada pelo Unicef, em parceria com o Ipec (Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica), mostrou que o motivo que mais apareceu para a saída da escola foi a necessidade de trabalhar. **A maioria dos adolescentes em situação de trabalho infantil é composta por meninos negros.** Entre os diversos motivos também apareceram as seguintes explicações: “porque a escola não tinha retomado as atividades presenciais”; “por não conseguir acompanhar as explicações ou atividades passadas pelos professores”; “por ter que cuidar de outros familiares em casa”; “por falta de transporte para ir até a escola”; “por ter ficado grávida ou ter tido um filho ou uma filha”; “por ter sido alvo de preconceito ou discriminação racial”.

Tais motivos demonstram que, para erradicar o abandono e a consequente evasão escolar, é necessário um trabalho conjunto da escola com todo o Sistema de Garantia de Direitos, a fim de assegurar, primeiramente, que adolescentes estejam acessando o básico para o seu desenvolvimento saudável, como alimentação de qualidade e em quantidade suficiente; uma boa convivência familiar e comunitária, sem violências; creches para as crianças mais novas; famílias com trabalho e renda, para garantir o bem-estar dos filhos; passe livre para estudantes; acesso a espaços de cultura, lazer e esporte na própria comunidade; e uma atenção básica à saúde que considere as especificidades de adolescentes.

É necessário trabalhar, de forma contínua, a saúde sexual e reprodutiva, prevenindo a gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis. É um trabalho que deve ser feito desde a infância, em todos os espaços, equipamentos e serviços públicos, com o enfrentamento dos racismos e da LGBTQIAPN+fobia e a valorização da cultura negra, indígena e de outros

grupos étnicos, territoriais, que são expulsos da escola por suas identidades ou por seus modos de ser e existir, seja pelas crenças, pelo corpo, pela roupa ou por uma existência fora do padrão branco e cisheteronormativo.

Em pesquisa realizada pela Coordenação Nacional da Área de Proteção e Acolhimento a Crianças, Adolescentes e Famílias LGBTI+ e pelo Grupo Dignidade em 2021, intitulada “**Vivências reais de crianças e adolescentes transgêneres dentro do sistema educacional brasileiro**”, das pessoas entrevistadas, 77,5% informaram que seus filhos, crianças e adolescentes, entre 5 e 17 anos, já foram vítimas de transfobia no ambiente escolar. Esta tem sido uma grave violência, que recorrentemente acarreta o abandono de estudantes transgêneres da escola, ou melhor, a sua expulsão. No entanto, o censo escolar ainda não abarca categorias de gênero para além do sexo biológico e de perspectiva binária (masculino e feminino), o que dificulta a realização de análises que considerem as violências de gênero e transfóbicas como centrais para ocorrências de evasão.

Por fim, é de suma importância que os gestores públicos estejam atentos para as dimensões estruturais da vida dos adolescentes que acarretam o abandono ou a expulsão da escola, que tem sido tanto um espaço de proteção quanto de opressão e tem feito meninos e meninas não se sentirem parte dela.

Estudantes negras e negros não são respeitados em suas identidades e vivem o racismo cotidianamente, seja pelos colegas, seja pelos profissionais. Estudantes LGBTQIAPN+, cada um em sua especificidade de gênero ou orientação sexual, também têm seus direitos de liberdade, de expressão e de vivência dos seus sentimentos e desejos cerceados. Estudantes com deficiência não se sentem parte da escola, que não está preparada para possibilitar uma aprendizagem que considere o seu modo de ser no mundo.

O Estado não tem garantido aos adolescentes o pleno acesso aos seus direitos e tem impossibilitado que meninas, meninos e meninos, principalmente os mais empobrecidos, se formem no ensino médio. É urgente a mobilização de todos os atores sociais em prol de uma efetivação de políticas públicas que promovam direitos para que nenhuma criança ou adolescente seja obrigada a sair da escola, pois ela nem evade, nem desiste: é expelida².

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). DIRETORIA DE ESTATÍSTICAS EDUCACIONAIS (DEED). **Censo da Educação Básica 2019: Resumo Técnico**. Brasília: Inep/MEC, 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). DIRETORIA DE ESTATÍSTICAS EDUCACIONAIS (DEED). **Censo da Educação Básica 2020: Resumo Técnico**. Brasília: Inep/MEC, 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). DIRETORIA DE ESTATÍSTICAS EDUCACIONAIS (DEED). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2021**. Brasília: Inep/MEC, 2022.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019, p. 33. Disponível em: <https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2023.



 /inesctube

 @inescoficial

 @inescoficial

 /ong.inesc